

**FACULDADE DE FILOSOFIA DE SÃO BENTO**

**GILBERTO DE OLIVEIRA**

**A ORIGEM DO CONHECIMENTO E A RELAÇÃO MESTRE-ALUNO  
SEGUNDO O PENSAMENTO AGOSTINIANO**

São Paulo

2014

GILBERTO DE OLIVEIRA

**A ORIGEM DO CONHECIMENTO E A RELAÇÃO MESTRE-ALUNO  
SEGUNDO O PENSAMENTO AGOSTINIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado à Faculdade de Filosofia de São Bento  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof.  
Me. Edson Gil

São Paulo

2014

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

GILBERTO DE OLIVEIRA

### **A ORIGEM DO CONHECIMENTO E A RELAÇÃO MESTRE ALUNO**

#### **SEGUNDO O PENSAMENTO AGOSTINIANO**

Trabalho defendido em 11 / 12 / 2014 como requisito parcial para obtenção do grau de Graduado em Filosofia da Faculdade de São Bento. Tendo como membros da mesa examinadora:

Prof. Me. Edson Gil (orientador) - FSB

Prof. Dr. José Carlos Bruni - FSB

Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva - FSB

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, como fonte de existência. Aos meus pais, que, independentemente das dificuldades, sempre me apoiaram.

Agradeço ao professor Edson Gil, pelo tempo dedicado à orientação deste TCC. À professora Deise que sempre esteve próxima, auxiliando nas dificuldades encontradas.

Agradeço especialmente à Ordem Agostiniana, OSA, pela confiança depositada em mim por todo o período acadêmico.

Com fraterno carinho, aos grandes amigos e familiares.

*Observa a árvore. A fim de crescer para cima, primeiro cresce para baixo. Primeiro finca sua raiz na humildade da Terra, para depois lançar suas grimpas no alto do céu.*

Agostinho (Serm., 117.17)

## **RESUMO**

O presente trabalho compreende três momentos. Primeiramente contemplamos a estrutura social e a educação no Império Romano, e as influências que tiveram no pensamento de Agostinho. Em seguida analisamos as possibilidades de aquisição de conhecimento: seja pela via sensível ou pela intelectual, dando destaque à teoria da iluminação, segundo a concepção agostiniana. Por último procuramos analisar o método agostiniano de ensino; a relação de igualdade entre professor e aluno; como o diálogo envolvido no ato de ensinar pode contribuir para a aquisição de conhecimento, tanto pelo aluno quanto pelo professor, e a importância dos signos no ato de recordar – elementos que têm constituído a ação catequética pensada por Agostinho.

**Palavras-chave:** Agostinho. Aprendizagem. Conhecimento. Iluminação. Interiorização. Mestre interior. Relação mestre-aluno.

## **ABSTRACT**

This work consists of three parts. First contemplate the existing hierarchy among teachers and how was the first education in the Roman Empire, and the influences upon the Augustine thoughts. Then we analyzed the acquiring knowledge possibilities over his reflections on focus in Augustine's Theory of Illumination. Finally, we analyzed the Augustinian teaching method; the equivalent relationship among teacher and student; how the dialogue involved in the teaching action can contribute to knowledge acquisition for both, student and the teacher, and the importance of signs in the remind action, as well – all elements have made up the catechesis thought by Augustine.

**Keywords:** Augustine. Illumination. Inner master. Knowledge. Learning. Lighting. Teacher-student relationship.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O PROFESSOR NO IMPÉRIO ROMANO.....	11
3. AGOSTINHO E A VERDADE SOBRE O CONHECIMENTO.....	14
3.1. A Trajetória de Agostinho em sua Busca pelo Conhecimento.....	14
3.2. O Conhecimento pela Via Sensível e o Conhecimento Intelectivo.....	15
3.3. Conhecimento pela Via Racional.....	17
3.4. Deus como Fonte do Conhecimento e a Teoria da Iluminação.....	19
4. A PEDAGOGIA AGOSTINIANA.....	24
4.1. O Ensino na Relação Mestre-Aluno.....	24
4.2. As palavras como Signos.....	27
4.3. O Ato de Educar segundo Agostinho e no Pensamento Cristão.....	30
4.4. O Método de Ensino segundo Agostinho.....	31
4.5. As Dificuldades de Ensino Enfrentadas por Agostinho.....	34
4.6. Composição e Objetivos da Ação Pedagógica de Agostinho.....	35
4.7. Dialética: Matérias das Matérias.....	37
4.8. Caminho à Verdade: Ensinos Deixados por Cristo.....	39
5. CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	44

## 1. INTRODUÇÃO

Filósofo de grande influência no pensamento cristão, Aurelius Augustinus destacou-se pela forma poética e eloquente com que escrevia seus livros. O mestre de Hipona serviu de referência histórica em um período conhecido como Patrística, momento em que os Padres da Igreja procuravam fundamentar o pensamento cristão, defrontando-se com as filosofias que se destacava no contexto sociocultural da época, em especial com a filosofia helenística.

Antes de sua conversão ao cristianismo, em razão de sua busca incansável pela verdade, Agostinho ingressou em várias seitas religiosas, entre elas o maniqueísmo, que julgava possuir as respostas que ele tanto almejava. Entretanto, ao se aprofundar, todas as certezas caíram por terra. Seu encontro com Fausto, líder dos maniqueus, mostrou que as afirmações deste eram falaciosas e não correspondiam aos próprios anseios. “Já estava saciado de ouvir semelhantes teorias. Nem estas me pareciam melhores pelo fato de serem respostas em linguagem mais cuidada, nem a eloquência fazia que as tivesse como verdadeiras” (AGOSTINHO, 1984, p.77).

Devido à grande influência do platonismo, presente em parte de sua vida, Agostinho se encontra com a obra de Marcus Tullius Cícero (106-43 a.C), filósofo da Idade Antiga, conhecido como político e orador, cuja obra tratava da busca pela verdade, o que combinava com os anseios de Agostinho.

Segundo Agostinho, toda informação contida na alma humana é fruto da relação direta que o homem tem para com Deus. Tais informações estariam gravadas na memória e necessitariam apenas de sinais externos para que se tornassem claras à luz dos sentidos. Embora tenha sofrido grande influência do platonismo, que afirmava que toda informação também estaria contida na alma, Agostinho rejeitava a ideia de que a alma passaria por um processo de retorno até encontrar o corpo perfeito. Ele não se satisfaz com tal corrente de pensamento e percebe que todas as buscas do passado eram infundadas e que os ensinamentos de sua mãe, Mônica, poderiam ter-lhe ajudado na compreensão da verdade que tanto desejava.

Após sua conversão ao cristianismo, em sua atividade de Mestre, Agostinho defronta-se com um desafio: fazer a população, com profundas raízes na cultura religiosa grega, aderir a um novo pensamento religioso e a uma nova fé. Para tanto, inicia uma ação catequética voltada à instrução do povo que não tinha, por parte do Império, qualquer auxílio nas áreas acadêmicas. Tornou-se papel da Igreja a incumbência do processo educativo. Com grande dificuldade, Agostinho formula meios para que o processo catequético não se resume a uma pequena parte da população: os meios por ele apresentados abarcam toda a sociedade, dos

rudes aos cultos. “A forma de mensagem deve variar de acordo com a diversidade dos destinatários” (LUCAS, 1984, p. 12). O mestre de Hipona apresenta seu método catequético sob o olhar do pensamento cristão.

O método de Agostinho parte do princípio de que o conhecimento já estaria presente na alma, devido ao vínculo ontológico do homem para com Deus, e de que o conhecimento pode ser alcançado através do diálogo entre professor e aluno, em que o uso da palavra contribui para o processo cognitivo, impulsionado através dos sinais, que servem de estímulo para que todo conteúdo presente na alma emergja à consciência.

A visão agostiniana aponta para a dinâmica relacional entre mestre e aluno. Agostinho usava de artifícios retóricos na pronúncia de cada palavra e, de forma persuasiva, apresentava seus conteúdos. O Mestre de Hipona, no processo de ensino, usa da sua arte para que essa relação não se torne tediosa aos ouvintes. As exposições de Agostinho variavam de acordo com o público, fosse ele possuidor de certo conhecimento ou ignorante por completo.

A verdade, segundo Agostinho, não está radicada nos estudos e nos inúmeros caminhos por ele trilhados, mas na relação direta com Deus através do autoconhecimento, que implicaria um processo individual de interiorização a ser descoberto. Como então o mestre conduziria esse processo de aprendizagem para o aluno? Qual a utilidade de sua oratória?

O processo indicado por Agostinho faz com que o aluno, de acordo com a sua capacidade, consiga chegar à compreensão de um processo de cognição. A metodologia que usava na educação fazia com que o aluno não se limitasse a ser apenas um depósito de informações, mas que, por meio dos estímulos recebidos, fosse possível educar a si mesmo, seja ou não por palavras.

Quando trata de ensinar sobre o criador de todas as coisas, Agostinho entende que seja necessária a aceitação da doutrina cristã, compreendida sob uma ótica dogmática: uma aceitação de fé. Assim, Agostinho utiliza de sua experiência para transformar toda a compreensão da sociedade acerca de um Ser transcendente, onisciente e onipresente. Para Ratzinger, "se não existisse a atividade real de Deus no mundo, ou seja, se não houvesse nenhuma revelação no sentido pleno, então a experiência religiosa estaria reduzida a reflexões fragmentárias e a sentimentos intuitivos de uma realidade que ficaria além do mundo" (ROWLAND, 2013, p. 81). A presença de Deus no íntimo de cada homem se manifesta no momento em que a graça se manifesta no seu coração, a partir do seu encontro com Cristo, que possui a mesma essência divina, e se fez homem para servir como mediador entre Deus e os homens. Conduzir a esse encontro era o propósito principal da ação pedagógica agostiniana.

## 2. O PROFESSOR NO IMPÉRIO ROMANO

A sociedade do Império Romano organizava-se sob o modelo da escravidão, fruto das guerras travadas pelo império em sua busca pela expansão territorial e política. Grandes proprietários, os patrícios, se vangloriavam de suas riquezas diante daqueles de menor poder aquisitivo, os plebeus, e juntos formavam a sociedade política escravagista, almejando cargos de confiança no império.

Roma, em suas grandes guerras, como a de Cartago, propiciou o aumento gradativo do número de escravos, proporcionando o aparecimento de novas classes sociais: os comerciantes e os industriais. Surge, a partir deles, a burguesia formada por escravos que possuíam certo conhecimento intelectual e compunham a mão de obra especializada.

A divisão de classes não era tão evidente, pois a colaboração no trabalho fazia com que os escravos frequentassem as casas de seus superiores, ocultando as diferenças existentes entre ambas.

Nesse contexto, os escravos mais cultos eram participantes da educação no império. A primeira educação conhecida como “educação velha”, acontecia em casa, onde os jovens aprendiam os ofícios familiares, como a agricultura e a arte da guerra; elementos essenciais para a composição da sociedade vigente. O jovem cidadão, aos seus vinte anos, deveria ter conhecimento básico desses elementos para almejar algum cargo de confiança na alta corte romana. Além disso, para conseguir um posto de confiança era preciso conhecimento básico de oratória, ensinada na maioria dos casos por algum escravo letrado indicado por seus pais.

Evidenciava-se no império o despreparo das pessoas para atuar no senado, em razão da precariedade da educação, quando o mínimo exigido era o conhecimento de oratória e comunicação. A sociedade, que já era detentora de algum conhecimento, cobrava a presença de pessoas qualificadas no cenário político. Dessa forma, o império sente a necessidade de implantar uma nova e melhor organização educacional com o intuito de obter o controle da população escrava, que muitas vezes apresentava nível de escolaridade mais elevado que os demais, impondo a reformulação político-social a partir de um novo sistema educacional: a Educação Nova. “A educação aparece em Roma da mesma forma que anteriormente havia acontecido com a Grécia, uma turba de professores: os *ludmagistes*, para a educação primária, os *gramáticos*, para a média, e os *reitores*, para a superior” (PONCE, 2010, p. 7). Essa nova estrutura educacional, no Império Romano, não priorizava a educação primária, que era reproduzida então por algum escravo letrado.

As escolas tinham sua origem na classe dos comerciantes e industriais, que, diante das novas circunstâncias, percebiam a necessidade de um engajamento na política para o autodesenvolvimento e manutenção da classe de comerciantes. A situação era bem diferente no ensino primário e nos demais níveis. Devido à ascensão do império com as guerras e conquistas, exigia-se um conhecimento maior do político para possíveis disputas, requerendo do aluno boa dicção, conhecimento filosófico e cultural. Essa educação era feita pelos gramáticos, que constituíam uma pequena parte crítica da sociedade. Os retóricos modelavam os jovens para a vida profissional, eram professores cultos que cobravam altos preços por seus serviços e que tinham a incumbência de ensinar em alto nível a arte da retórica e dos bons costumes. “O reitor não se esquecia de um só detalhe: tinha algo de poeta e de ator, de advogado e de músico, de janota e de professor de boas maneiras” (PONCE, 2010, p. 69). Eram considerados a elite da sociedade.

Assim, o sistema educacional do Império Romano, ao se deparar com as transformações e novas exigências sociais, começa a subsidiar os “reitores”, que eram pessoas influentes na sociedade, desprezando as outras classes e gerando, assim, uma concorrência de escolas. O auxílio aos reitores tinha o propósito de atender fielmente as vontades do imperador, formando uma classe de pessoas que iriam integrar seu grupo de confiança em planos futuros.

A educação no império apresentava-se sob o aspecto da *humanitas*, pois valorizava a educação moral ainda mais que a intelectual. A educação passou a consistir em um conjunto de valorização humana e patriótica, não se restringindo aos aspectos intelectuais, mas se estendendo à educação prática e efetiva.

Marcus Tullius Cicero aponta elementos que caracterizam essa mudança. “Por isso, aconselho a fazer o mesmo que fiz para minha utilidade pessoal: servi-me da língua latina e grega, não apenas para estudos de filosofia como também para meus exercícios de retórica” (ROSA, 1974, p. 64). Cícero procura enfatizar o aprendizado completo não apenas para estudos filosóficos, mas também para aquisição de informações que contribuíssem para a vida prática de cada cidadão, que, em no seu caso, era a atividade de reitor.

Os valores referentes à dignidade de cada um são, por consequência, elementares para sua atividade, seja ela política, de pai, de orador etc. Isso não exclui a possibilidade de o homem dedicar-se à filosofia, atividade que requer tempo, pois a busca pela sabedoria deve conduzir toda linha de pensamento. Quando se atém às coisas supérfluas, e em benefício próprio, o homem abre mão de alguns valores, e se “não se deixar vencer alguma vez pela bondade de sua natureza, nunca poderá render-se ao culto, nem à amizade nem à justiça, nem

à generosidade” (ROSA, 1974, p. 66). Esses valores, que eram renegados por alguns filósofos, para Cícero constituem o alicerce da dignidade e correspondem diretamente aos deveres por ele assumidos.

Quando faz uso de seus direitos e não se deixa inclinar, o homem deve analisar as situações e, então, procurar sabiamente qual regra a mais justa a ser seguida em cada caso. “O homem, ao contrário iluminado pela razão, pode conhecer as causas, os efeitos e o progresso das coisas; pode comparar objetos, investigar suas diferentes relações, ligar o presente com o passado e procurar o necessário para o seu viver cotidiano” (ROSA, 1974, p. 69).

O homem tem a capacidade de raciocinar, de ligar os fatos, tem a possibilidade da escolha, capacidade de entendimento sobre o que é correto a ser feito. Certo de ser possuidor de algumas virtudes por natureza, o homem se vê estimulado pela busca do conhecimento, e de conhecer mais profundamente aquilo que já está presente na sua mente.

### 3. AGOSTINHO E A VERDADE SOBRE O CONHECIMENTO

#### 3.1. A Trajetória de Agostinho em sua Busca pelo Conhecimento

Agostinho sempre foi instruído por sua mãe, Mônica, a seguir os preceitos cristãos; contudo, teve uma infância rebelde, como um adolescente qualquer da época. Nascido em Tagaste, norte da África no ano de 354, Agostinho desde cedo demonstrava grande interesse pelo conhecimento, motivado que foi por sua mãe a dedicar-se aos estudos, que ele realizaria em Madura e Cartago. Após se destacar pela forma com que se expressava, conseguiu um emprego como orador do império. Começou a ensinar retórica em Cartago e depois em Milão, onde se desgostou com os alunos, pois não correspondiam às suas expectativas. Também em Milão conheceu Ambrósio, um bispo que se destacava pela maneira com que expressava os pensamentos da doutrina cristã, que enfatizava a existência de um ser superior e imutável.

O mestre de Hipona, em seu anseio por conhecimento, encontra-se com a obra de Cícero que, como se viu acima, tratava do desejo por sabedoria, influenciando-o em sua trajetória de busca e apresentando-lhe o conhecimento pela via da natureza. Entretanto, esse aprofundamento também não lhe trouxe as respostas que tanto almejava. Permaneceu em seu objetivo, quando conheceu os maniqueus; contudo, as afirmações desta filosofia não correspondiam aos seus desejos mais íntimos. O ideal de Agostinho estava na procura de um bem que o conduzisse a uma vida feliz e perene. Ainda no caminho de procura desse bem, recebe grande influência do platonismo, pois essa filosofia era muito semelhante àquela que ouvia do bispo Ambrósio.

Agostinho crê realizar seu encontro com o Verdadeiro Conhecimento após uma experiência profunda de Deus, relatada em suas *Confissões* como marco de sua conversão ao ler uma passagem do apóstolo Paulo, que diz: “Não caminheis em glotonarias e embriaguês, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não procureis a satisfação da carne com seus apetites” (AGOSTINHO, 1984, p. 144).<sup>1</sup> Ele percebeu que para encontrar a verdade que se propusera a buscar, era necessário um esforço maior, como forma única de alcançar o que tanto procurava.

---

<sup>1</sup> Agostinho até então era movido por uma vida desregrada de devassidão corporal e maledicências; uma vida incoerente. Após ler essa passagem sente no seu coração o desejo de mudar de vida, pois os prazeres do mundo já não satisfaziam mais os seus desejos mais profundos de felicidade. Encontra-se motivado a mudar os rumos de sua busca pela verdade e felicidade, volta-se novamente às Sagradas Escrituras e, com uma nova mentalidade, refaz sua leitura e encontra, finalmente, a Verdade que ele tanto buscava, dando uma nova orientação ao seu pensamento.

Agostinho, autor de muitas obras, cujo pensamento conduzia à busca incansável pela verdade, remédio para a inquietação de seu coração, encontrou então nas Sagradas Escrituras toda a Verdade que procurava e mais tarde lhe serviria de inspiração, pois num primeiro momento, ainda não lhe era totalmente compreensível.

Em sua vida literária, destacou-se pela forma que desejava transmitir o conhecimento e pela eloquência com que seus discursos eram proferidos. Como orador do Império Romano, destacava-se pela persuasão de suas ideias ao transmitir aquilo que o Império desejava.

Na sua obra *De magistro*, um diálogo com seu filho Adeodato, Agostinho procura lhe ensinar os principais fundamentos do conhecimento e como as informações contidas em um diálogo serviriam de subsídio para futuros conhecimentos. Foi conhecido como bom orador tanto pelo seu relacionamento com os altos membros da corte, quanto em seus diálogos com o povo. A todos a quem eram destinados seus discursos, ele procurava transmitir sua mensagem da forma mais clara possível.

A origem verdadeira de toda fonte de conhecimento está presente na inquietação de Agostinho. As respostas oferecidas pelas diversas fontes filosóficas não alcançavam suas ambições mais íntimas. Entretanto, foi com o pensamento cristão que se identificou: Deus é a fonte de toda e imutável Verdade.

Según su punto de vista compartido por sus colegas cristianos, la superioridad del cristianismo sobre la filosofía clásica pagana en vigor, aunque agonizante, sería inquestionable. Cristo es el Maestro hasta el punto de que los cristianos no tendrían necesidad alguna especial de acudir a las enseñanzas de Grecia para resolver airoosamente los problemas esenciales de la vida.<sup>2</sup>

Acreditando, pois, que o cristianismo era a fonte de todo conhecimento verdadeiro, Agostinho se preocupa em fundamentar de forma clara e distinta esse conhecimento, sendo desafiado sobre como transmiti-lo, uma vez que se tratava de uma verdade revelada.

### **3.2. O Conhecimento pela Via Sensível e o Conhecimento Intelectivo**

Na sua busca e compreensão da fonte primeira de conhecimento, Agostinho depara-se com duas realidades. Aquela que pode ser entendida como razão inferior, e aquela que se

---

<sup>2</sup> “Seguindo o ponto de vista, partilhado com seus colegas cristãos, a superioridade do cristianismo sobre a filosofia clássica pagã em um vigor, ainda que agonizante, seria inquestionável. Cristo é o Mestre, tanto que os cristãos não teriam necessidade alguma especial de recorrer aos ensinamentos da Grécia para resolver honrosamente os problemas essenciais da vida” (BLÁZQUEZ, 1984, p. 104; tradução minha).

ocupa das coisas inteligíveis, a razão superior. A primeira nos aparece na forma como as coisas sensíveis se dão, ou seja, como elas são em sua realidade, normalmente presentes nas coisas essenciais da vida, nos proporcionando o entendimento fundamentado em alguma espécie de ciência. A segunda via oferece uma forma de aquisição “abstrata”, a razão superior, que se ocupa de entendimentos metafísicos, ou seja, aqueles ensinamentos que vão além de qualquer entendimento sensível, que estão acima do entendimento humano.

Agostinho baseia-se na teoria platônica, segundo a qual o conhecimento já presente na memória fosse fruto de uma experiência vivida no passado.

Creio também que notaste, que, embora haja quem não concorde, mesmo sem emitir som algum, falamos ao nosso próprio interior, ao pensarmos as próprias palavras. Assim com a linguagem nada mais fazemos do que recordar, uma vez que a memória na qual estão gravadas, revolvendo-a, faz com que venham à mente as próprias coisas das quais as palavras são sinais. (AGOSTINHO, 2008b, p. 362)

Agostinho procura encontrar uma origem para esse conhecimento e como ele afetaria a alma. Gilson interpreta Agostinho, afirmando que todo conhecimento sensível é adquirido pelo corpo. Segundo essa abordagem, assim como as cores são fruto da visão; as formas, do tato; o som, da audição, assim também todo conhecimento externo é adquirido pelos sentidos, que transmitem a sensação à alma, sem a necessidade de que o intelecto utilize-se de qualquer meio para que tais informações sejam armazenadas. Por exemplo, na visualização de um terreno coberto de lama, pressupõe-se que havia ali certa quantidade de água.

O processo de aquisição de informações, conforme Agostinho, parte das sensações que então são elevadas ao plano de reconhecimento pelo intelecto, condição própria humana, e que é por si só limitada aos sinais. A alma interpreta os sinais e os transforma em conhecimento. Os sentidos não produzem por conta própria conhecimento, sendo dependentes desta interação com a alma, que já os possui. Mesmo assim, os sentidos não podem ser desprezados por completo de toda essa dinâmica, pois eles são a fonte de toda a sensação. A alma percebe a mudança ativa que há no corpo, através dos estímulos externos, transformando-os em sensação.

Seguindo essa lógica, Agostinho se depara com a complexidade da questão da relação entre corpo e alma, uma vez que a alma é, naturalmente, superior ao corpo e está presente em todas as suas ações, atenta a qualquer irregularidade que possa quebrar a harmonia do corpo com o mundo sensível, “mas basta leve alteração deste estado de equilíbrio que a alma entra em atividade” (BOEHNER, 1970, p. 159). A alma não fica em estado de dormência, ela age inteiramente com o corpo, interferindo em qualquer mudança ocorrida nele por via dos sentidos. Após esclarecer a relação corpo-alma, Agostinho indica como o ato do pensamento

acontece: pela memória e através da captação das interferências sofridas pelos sentidos, é a que alma produz as sensações e as transforma em conhecimento.

A alma, de certa maneira, coloca-se como guardiã dos sentidos vitais do corpo. Em relação à audição, por exemplo, ela está atenta a todo o excesso de barulho, agindo do mesmo modo em relação a todos os outros sentidos. No entanto, nem toda aquisição sofrida pelo corpo é benéfica para com ele: isso faz que a alma esteja atenta a toda modificação sofrida pelo mesmo, seja esta favorável ou desfavorável.

Na relação paradoxal entre corpo e alma, a alma é superior ao corpo, mas é estritamente dependente dele para que possa exercer sua função. Agostinho não encontra uma solução plausível para essa dualidade, fixando seu olhar nas coisas inteligíveis, que julga serem superiores às coisas sensíveis. Como a alma pertence à classe dos seres inteligíveis, Agostinho considera condição necessária a influência direta do sensível para que ela opere gradativamente sobre o corpo.

O mestre de Hipona, não mais como um realista<sup>3</sup> (como era visto quando pertencia à seita maniqueísta), admite existir uma Verdade superior à razão humana e que a transcende. Contrariando o pensamento platônico, especialmente a teoria do mundo das ideias e sua perfeição, Agostinho afirma que o conhecimento depositado por Deus no homem não elimina a necessidade de aquisição de conhecimento, que se completa na interpretação de sinais, pertencentes ao sensível.

### **3.3. Conhecimento pela via racional**

Agostinho, ao reconhecer a existência da alma, expõe-nos como se dá a relação do homem para com Deus, na aquisição de conhecimento. Os conhecimentos se apresentariam em um primeiro plano à alma e, depois, ao homem. Agostinho, como se viu, sofre grande influência do platonismo, mas não aceita a ideia de vivências passadas da alma, acreditando ser ela a fonte primeira de conhecimento, uma vez que está ligada diretamente com Deus e com o homem, servindo como canal de transmissão de informação entre Deus e o homem. A alma, fonte de conhecimento, faria com que o homem reconhecesse seus conhecimentos

---

<sup>3</sup> A seita maniqueísta mostrava, dentro de suas limitações, que, para alcançar uma possível salvação, era preciso agir corretamente na realidade. Segundo esta seita, havia dois poderes equivalentes, o bem e o mal. Agostinho nunca encontra nela aquilo que tanto buscava: uma verdade ainda não revelada aos homens. Fausto, o mentor de tal seita, responsável por sanar as dúvidas de Agostinho, nunca passou de um mero interlocutor, pois, segundo este, nada sabia sobre o que ele tanto desejava.

através do ato da recordação, possível através da interpretação dos sinais expostos à luz dos sentidos.

Toda a aquisição de conhecimento, segundo Agostinho, passa por um processo de busca interior,<sup>4</sup> que não descarta o mundo sensível, mas que serve de estímulo para que tudo aquilo que está presente no mais íntimo do coração venha a ser elucidado à luz da razão.

Agostinho nos chama a atenção para uma crença mais rica e forte presente na alma, que não participa de momentos temporais, mas que é uma verdade em si mesma; presente simultaneamente em todas as situações, podendo ser chamada de Verdade Eterna. O homem, na sua condição de ser racional limitado, tem por necessidade vislumbrar essa Verdade imutável que está acima de suas capacidades, e que é a origem de todas as verdades. Isso impõe ao homem uma real condição de dependência na sua busca por conhecimento, pois ele necessita de auxílio superior para que todo o processo de cognição aconteça.

Agostinho mostra que a alma é detentora de um conhecimento puro, pois se relaciona diretamente com Deus. Esse conhecimento puro refere-se às verdades eternas, e que transcendem o entendimento humano, ou seja, são de fácil assentimento, sem necessitar de uma experiência particular para sua comprovação. O homem, devido ao vínculo ontológico que tem para com Deus, sente a necessidade de recorrer a tal Verdade para crescer em sabedoria. Contudo, embora de uso comum, esse conhecimento só pode ser adquirido através de um processo particular de interiorização.

Além do processo de interiorização, o homem sente a necessidade de trocar ideias para que a formulação de juízos ocorra. Como exemplo, a relação mestre-aluno, onde os atos de ensinar e aprender são constituídos pela troca de palavras, propiciando referências para a formulação de ideias e juízos. O homem, dotado de entendimento, sente a necessidade de transmiti-las, contando com a linguagem como o meio mais adequado para a transmissão de informação.

Primeiramente, porque as ideias de um homem não lhe são pessoais, mas comuns a outros homens; portanto, é necessário que as ideias sejam trocadas, transmitidas e passem de um espírito para outro, o que supõe ser possível comunicá-las. Ademais, há um caso típico em que a transferência de ideias de um espírito para outro ocorre de certa forma, diante dos nossos olhos: o ensino. (GILSON, 2010, p. 139)

A procura pela verdade evidencia essa relação direta do homem com Deus, uma vez que Ele é a Verdade; os homens a procuram e tentam vivenciá-la, mas só Deus é aquilo que os

---

<sup>4</sup> Agostinho, segundo a fé cristã que professava, afirmava que a verdade interior só poderia ser revelada por Aquele que é o seu detentor. Deus seria essa fonte primária e inesgotável de informações, e que habita no interior de cada um.

homens almejam conhecer. Para que essa aquisição do conhecimento verdadeiro seja possível ao homem, é preciso, antes, que este se abandone a si mesmo.

A origem do conhecimento para Agostinho é Deus, detentor de todas as verdades. Diferentemente da na teoria platônica, pois nesta o conhecimento está presente na alma em razão de suas experiências passadas. Como exemplo, um indivíduo de pouca idade, sem ter noção alguma de matemática, quando interrogado sobre exercícios matemáticos se mostra capaz de resolvê-los, o que para Platão indica que a alma já teria vivenciado experiências passadas do mesmo gênero. Agostinho rejeita tal afirmação, interpretando-a como consequência da metempsicose<sup>5</sup>, doutrina condenada pela Igreja.

A objeção de Agostinho à teoria platônica baseia-se, pois, na doutrina cristã, segundo a qual, após a morte do corpo, a alma repousaria até o dia do juízo final, e somente depois ela retomaria posse deste corpo na sua forma completa e santificada.

Que é "ressuscitar"? Na morte, que é separação da alma e do corpo, o corpo do homem cai na corrupção, ao passo que sua alma vai ao encontro de Deus, ficando à espera de ser novamente unida a seu corpo glorificado. Deus, em sua onipotência, restituirá definitivamente a vida incorruptível a nossos corpos, unindo-os às nossas almas, pela virtude da Ressurreição de Jesus. (Catecismo da Igreja Católica, 2000, p. 281)

O pensamento platônico afirma que a alma já contém vivências passadas e, ao encontrar outro corpo, faz com que este assimile todo conteúdo passado e assim propicie a continuidade da vida e do conhecimento.

A Verdade mostrada por Agostinho (Deus) é a fonte de todo conhecimento, que está presente na alma. Ele, portanto, seria a fonte originária do conhecimento.

### **3.4. Deus como Fonte do Conhecimento e a Teoria da Iluminação**

Agostinho nos mostra que todo conhecimento só é alcançado por intermédio de uma força superior que não depende de ações temporais; embora atemporal, atua diretamente na vida do homem. Independentemente dessa relação, o homem possui o livre-arbítrio, podendo agir livremente sobre os próprios desejos, buscas e anseios.

A iluminação divina, contudo, não dispensa o homem de ter um intelecto próprio; ao contrário, supõe sua própria existência. Deus não substitui o intelecto quando o homem pensa o verdadeiro; a iluminação teria apenas a função de tornar o intelecto

---

<sup>5</sup> Segundo o Aulete, passagem da alma de um corpo para outro, depois da morte; teoria da transmigração da alma.

capaz de pensar corretamente em virtude de uma ordem natural estabelecida por Deus. (MOTA, 1984, p. XV)

Agostinho mostra que a iluminação divina age na vida do homem através da ação da graça de Deus, que se dá na relação entre Ele e sua criatura, tal como pode ser evidenciado através do processo de interiorização.

“Deus é para nosso pensamento, o que o Sol é para nossa vista” (GILSON, 2010, p. 160). Agostinho nos apresenta a teoria de iluminação como algo que torna a mente humana mais lúcida, mostrando ao homem o caminho correto a ser seguido, para obter as verdades e os conhecimentos necessários.

Estás numa boa direção; pois a razão, que fala contigo, promete que mostrará Deus à tua mente como o sol se mostra aos olhos. Porque as faculdades da alma são como que os olhos da mente: como as coisas que são certas no âmbito das ciências são tais como as coisas que são iluminadas pelo sol para que possam ser vistas, assim como o é a terra e tudo o que é terreno; mas Deus é quem ilumina. (AGOSTINHO, 1998, p. 30)

A iluminação feita pelo sol aos animais e plantas permite a continuidade em seu curso de vida; a iluminação divina no homem age sobre ele fazendo que busque elementos para a sua continuidade, ou seja, o aperfeiçoamento de virtudes que são inerentes à condição humana.

O mestre de Hipona explica-nos o processo de conhecimento abstrato, mostrando que este já estaria em nosso interior e que, por intermédio de alguns sinais, seria elucidado em nossa razão. A iluminação divina se faz presente no mundo do inteligível, não sendo perceptível aos sentidos vitais, tornando-se um conhecimento abstrato para o mundo exterior, mas coeso e presente no intelecto, onde nossas ideias e conhecimentos adquirem forma e são expostos no mundo exterior através dos sentidos e do uso da razão.

O sol, luz exterior, ilumina as coisas externas ao nosso corpo, para que a visão possa percebê-las e, através de análise, a mente possa formular sobre os objetos um conhecimento plausível, sobre suas formas e características, comparando suas semelhanças e diferenças com base nos conhecimentos já presentes nela.

A iluminação tem como função dar sustentação às nossas ideias, para que se fundamentem em sentimentos racionais, demonstrando uma qualidade de certeza, em princípio, verdadeira e universal, não se constituindo assim em argumentos falaciosos. Tais conhecimentos são imutáveis, e não sofrem nenhuma alteração com o decorrer dos tempos. Como, por exemplo, os exercícios matemáticos.

O homem sozinho não é capaz de formular teorias e conhecimentos abstratos, ele é dependente da ação de Deus. Deus faz uso do sensível para que suas ideias se apresentem ao homem, concluindo-se que Deus conhece de forma *a priori* todo o conhecimento apresentado à luz da razão humana.

Ver as ideias de Deus seria ver Deus. Ora, é muito evidente que não as vemos, uma vez que devemos construir laboriosamente as provas de sua existência, que a visão direta tornaria inúteis. Ver as coisas nas ideias de Deus, seria também conhecê-las sem necessitar vê-las. Deus conhece *a priori* todas as coisas, mesmo as materiais, já que elas são apenas imitações das ideias divinas. (GILSON, 2010, p. 171)

Agostinho nos instiga à aceitação dogmática da influência divina na vida humana, tratando-se de conhecimentos que foram formulados previamente em sua mente. Ele aponta que as aceitações de tais verdades dependem unicamente de um ato de fé. Assim, todo o conhecimento que é tido à luz dos sentidos, nada mais é do que uma cópia daqueles que são impressos no coração do homem no momento de sua criação.

A iluminação atua nos elementos inteligíveis, oferecendo os fundamentos práticos a estas espécies de conhecimento. Os objetos sensíveis servem como fonte de observação para que o conhecimento, nele contido, torne-se explícito ao uso racional. Assim, os conhecimentos externos são, por consequência, inferiores a toda forma de conhecimento que parte de uma luz inteligível, suprimindo as necessidades humanas de conhecimento, mostrando a superioridade das fontes inteligíveis de conhecimento sobre aquelas que estritamente são dependentes do uso dos sentidos vitais. O conhecimento se dá na relação corpo e alma gerando a união entre ambos, e também a interdependência entre eles.

Todo conhecimento, expresso pela via da iluminação, tem características boas e verdadeiras, resultando em informações prontas que estão impressas no coração do homem. Entretanto, em razão da limitação intelectual do homem, ele é dependente de uma formulação empírica para embasar suas fontes de conhecimento, diferenciando-se do conceito divino de conhecimento que não precisa de ação empírica para provar sua validade.

Quando o intelecto aplica a iluminação divina a conceitos sensíveis, como ao de arco ou ao de homem, não é para formar uma noção acerca deles, mas para formular sua lei, ou para lhes definir o tipo necessário, que nenhuma experiência sensível poderia nos revelar. A experiência, não a iluminação, nos ensina o que é um arco, um homem; a iluminação, não a experiência, nos ensina como um arco perfeito ou um homem perfeccionado deve ser. (GILSON, 2007, p. 187)

A iluminação fornece ao homem conhecimentos puros correlacionados a conceitos de determinados objetos. Apesar disso, a iluminação divina não nos fornece nenhuma informação além daquele conceito único, universal, presente em nossa mente. Apesar disso, todo elemento em suas particularidades pode ser constatado pela via empírica, através de

características próprias de cada situação e de cada homem em particular. A experiência cotidiana tornaria o homem conhecedor de certos elementos particulares referentes a cada espécie.

A teoria da iluminação agostiniana se estrutura de forma gradativa, influenciando direta ou indiretamente o comportamento de vida de cada um, podendo ser constatada até mesmo nas particularidades. A iluminação gera no homem condições para que ele busque, mesmo que desinteressadamente, tais fontes de verdade. Nos casos referentes às virtudes, estas estão impressas no coração de cada indivíduo, fazendo com que ele tenha o conhecimento próprio de certas virtudes.

Existem aquelas situações em que os homens são injustos e não se atêm à influência divina, agindo com descaso sobre a importância dela em suas vidas. De acordo com a iluminação divina, nesses casos, ao invés de imprimir as virtudes em seu coração, ela apenas “toca” o pensamento do homem, que, embora reconheça a existência de tais virtudes, não as possui.

Compreendendo toda a ação divina sobre o intelecto humano, percebe-se que o homem não tem a capacidade de obter visão real de Deus, mas o intelecto pode elevar-se a um alto grau de contemplação mística de Deus. Essa contemplação pode ser comparada às visões espirituais, quando a mente se eleva a um grau superior, possibilitando uma contemplação mística de Deus.

A primeira, que é a inteligível pela qual percebemos as verdades, não pertence naturalmente ao nosso intelecto; ela toca nossa alma, mas permanece como privilégio de Deus, porque ele é de Deus. A segunda colocação assegurada é que Deus, luz, inteligível, nos faz conhecer o verdadeiro ao criar em nós uma luz criada, que é a luz do intelecto (...) A terceira colocação é que, contudo, esse conhecimento em Deus nunca é, fora da ordem mística, uma visão de Deus, da luz divina, nem das ideias divinas. (GILSON, 2010, p. 194)

Em última análise, todas as informações retidas no homem não são criações de Deus em nós, mas o próprio Deus que se faz presente. Porém, não podemos ver a verdade em uma forma real, mas podemos, através do seu verbo (palavra), ter conhecimento do que vemos de alguma forma. Assim, a contemplação da luz divina dar-se-ia em uma ação mística, possibilitando ao homem o entendimento de todos os arquétipos eternos da realidade. A experiência mística revela ao homem a existência de Deus, e o conduz à descoberta de conhecimentos necessários, eternos e imutáveis existentes na alma.

A mística de Agostinho nos coloca diante de uma dicotomia, própria a seu pensamento, sobre a questão de onde provém a sabedoria do homem. O grande pensador de Hipona nos faz crer no conhecimento inato ao homem, que é atribuído a Deus. Todavia, para

o assentimento do mesmo, é preciso que haja primeiramente uma compreensão dogmática para que, só então, se possa fazer uso de tal conhecimento.

## 4. A PEDAGOGIA AGOSTINIANA

### 4.1. O Ensino na Relação Mestre-Aluno

Segundo a teoria agostiniana de ensino, Deus é a única e verdadeira fonte de conhecimento; entretanto, o homem não se exclui dessa dinâmica. Deus, como fonte incondicional de todo conhecimento presente na alma, faz com que o homem possa, através de experiências exteriores, ser também fonte de conhecimento. O homem pode ser entendido como mestre exterior; aquele que ensina através de experiências particulares. Contudo, fonte imutável de conhecimento, independentemente de qualquer experiência particular de informação, Deus é a fonte primeira da aquisição de conhecimento nos homens.

A capacidade cognitiva do homem resulta da apreciação dos elementos imateriais e materiais, o sujeito se deparando com a realidade do objeto que é conhecido. O homem tem uma tendência para a ação cognitiva, seja ela inteligível ou não, diferenciando-se dos animais, que, têm simplesmente a tendência ao sensível, sendo intelectualmente inferiores ao homem. O desejo de conhecimento por parte do homem se deve à sua vontade de aproximar-se do bem contido em tais conhecimentos. A vontade de aquisição de conhecimento contida no homem aproxima-o não somente dos conhecimentos materiais, mas também daqueles em que estão contidas a dignidade e a justiça, ou seja, valores universais existentes em cada um.

A questão educativa proposta por Agostinho implica a ação de fazer com que o aluno, através de suas aptidões, consiga formular juízos por meio dessa dinâmica cognitiva. Nesse processo de ensino, o aluno não deve se comportar de forma passiva, mas ser sujeito ativo, contribuindo para que o processo de ensino aconteça.

Ensinar é, pois, uma educação do ato; uma condução da potência ao ato, que só o próprio aluno pode fazer. Tomás está distante de qualquer concepção do ensino por transmissão mecânica; o professor tudo o que faz é *en-signar* (*insegnere*), apresentar sinais para que o aluno possa por si fazer a educação do ato de conhecimento, no sentido da sugestiva acumulação semântica que se preservou no castelhano: *enseñar* (ensinar/mostrar). O mestre mostra! (TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 21)

A capacidade do homem de conseguir por suas fontes próprias formular alguma espécie de conhecimento pode ser entendida de duas formas: primeiramente, aquela em que o intelecto humano consegue, pela via natural, elaborar alguma espécie de entendimento sem precisar de elementos externos. Essa forma é compreendida como descoberta e aplica-se aos elementos essenciais e gerais do entendimento. A segunda ocorre quando o aluno recebe do

professor estímulos externos para que, dentro de suas próprias capacidades, consiga formular juízos verdadeiros.

A dinâmica de ensinar corresponde à ligação dialógica direta entre professor e aluno, relação que fornece os instrumentos necessários para que o ato de ensinar seja possível. Os signos expostos podem apresentar-se das mais diversas formas, por via de palavras, gestos e sons. O ensino, segundo Agostinho, ocorre por meio dos sinais, quando o aluno, num processo de análise e entendimento, é levado ao ato de recordação, trazendo o conhecimento à luz dos sentidos.

A dinâmica educativa tenta elevar as capacidades de conhecimento do educando, buscando um entendimento racional das informações e abarcando o conteúdo delas. Todavia, o “conhecimento preexiste no educando como potência não puramente passiva, mas ativa, senão o homem não poderia adquirir conhecimentos por si mesmo” (TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 31).

O conhecimento contido no educando não é visto por completo; mas sim por uma visão universal, que é dependente das experiências particulares para ser reconhecido. As experiências particulares são fundamentais para que o homem consiga, através dos signos externos, fundamentar toda gama de conhecimento.

O conhecimento fornecido pela luz interior indica que os conhecimentos inteligíveis são fontes da mesma luz, porém somente através do mestre interior é que são possíveis, onde nada de empírico possa ser encontrado. São conhecimentos *a priori* e puros, pois tratam de um conhecimento universal que está depositado no coração de cada um. Em contrapartida, toda informação resultante de ato externo de cognição pode ser entendida como “*a posteriori*”, tratando-se de um conhecimento que se originou na luz dos sentidos – fruto de algum tipo de experiência; experiência, no caso, que se dá com e por os signos fornecidos pelo professor.

No aluno, o conhecimento já existia, mas não em ato perfeito e sim como que em “razões seminais”, no sentido que as concepções universais, inscritas em nós, são como que sementes de todos os conhecimentos posteriores. Ora, se bem que essas razões seminais não se transformem em ato por uma virtude criada como se fossem infusas por uma virtude criada, no entanto essa sua potencialidade pode ser conduzida ao ato pela ação de uma virtude criada. (TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 34-5)

Toda informação já contida no homem implica conhecimentos futuros, pois toda a gama de informações já atualizada no seu intelecto não seria finita e sim subsídio às novas experiências. Os signos assimilados pelo aluno provêm do professor, não como conteúdos transmitidos, mas como elementos para que o aluno consiga, através do recordar, formular

questionamentos, pois toda informação, considerada como universal, está tanto no aluno quanto no professor.

No professor o conteúdo já é algo concreto, pois ele já foi aluno e passou pelo mesmo processo, ou seja, o conteúdo nele contido é algo presente no aluno, mas como potência que precisa de fundamentos para se tornar real, ou seja, “vir a ser”.<sup>6</sup>

Toda certeza do conhecimento origina-se dos princípios: e, de fato, as conclusões só são conhecidas com certeza quando remetem aos princípios. Daí decorre o fato de que qualquer coisa que é conhecida com certeza dependa da luz interior da razão posta em nós por Deus, com a qual Deus fala em nós, e não de um homem que fala exteriormente, a menos que pelo seu ensino mostre a concatenação entre as conclusões e os princípios: mas mesmo neste caso a certeza procede dos princípios nos quais as conclusões se apoiam. (TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 37)

Toda ação educativa apresenta conclusões concretas de ensino entre os educandos e educadores, indicando que qualquer afirmação demonstrada pelos homens tem como alicerce aquelas verdades que são infundidas nos homens por Deus. Aliás, por mais que exponha informações, o homem não pode por si só ser fonte criadora de conhecimento, pois usa de artifícios externos para que a informação já contida em seu intelecto transforme-se em conhecimento.

O homem pode ser entendido como o primeiro signo e causa dessas fontes externas de conhecimento. Deus é fonte única de conhecimento e elemento essencial para que o homem consiga transmitir qualquer espécie de signo no ato educativo.

O fato de o homem ser ensinado por Deus<sup>7</sup> não significa, porém, que tais ensinamentos não sejam ocultos ao primeiro e não precisem da sua vontade para que se tornem concretos para ele. O conhecer não é, pois, obrigatoriamente algo apenas acessível por meio dos sentidos, podendo ser compreendido abstratamente nas fontes inteligíveis de conhecimento.

O professor, na sua incumbência de transmitir o conhecimento para o aluno, indica as diretrizes a serem seguidas para que toda a informação recebida seja moldada e, através de experiências particulares, resultem em conhecimentos concretos na mente do aluno. “Ora, o ensino pressupõe um perfeito ato de conhecimento no professor; daí que seja necessário que o

---

<sup>6</sup> O termo utilizado “vir a ser” indica que o conteúdo já presente no aluno não seria claro o bastante para ser considerado um “juízo verdadeiro”, precisando de um tempo para se tornar o mais claro possível. Depois de todo o caminho de entendimento por parte do aluno, o conteúdo já é composto por elementos que possam assegurar a sua legitimidade e veracidade.

<sup>7</sup> O entendimento do homem, possibilitado por este “intelecto agente” presente na sua mente, implica que em toda a aquisição de conhecimento por parte do homem há um ser que pode ser considerado como fonte primeira de toda aquisição (Deus). Agostinho, ao se referir ao coração, tem em mente a ação reflexiva e de determinada busca de respostas que só serão encontradas no processo de interiorização íntima, na medida em que o homem consegue desprender-se de si mesmo.

mestre ou quem ensina possua de modo explícito e perfeito o conhecimento, cuja aquisição quer causar no aluno pelo ensino” (TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 41). Todavia, isso não implica que toda informação recebida pelo aluno se transforme em conhecimento, pois o professor transmite o conhecimento como potência para que, por meio do processo particular de entendimento, a informação recebida como potência seja transformada em ato na capacidade de entendimento do aluno.

O ato educativo, segundo Agostinho, implica que o educando, por suas próprias capacidades intelectuais, seja capaz de formular juízos verdadeiros e consistentes que se configurariam em uma descoberta, porém a aquisição feita por intermédio do professor seria gradualmente mais completa, porque o professor fornece subsídios coerentes para que o aluno os transforme em conhecimentos livres da dúvida.

Isso é possível porque o professor já é possuidor de um conhecimento em ato, e também porque, segundo a sua capacidade, ele ainda pode ser fonte de conhecimento para si mesmo, pois através dele pode formular novos questionamentos referentes àqueles conteúdos já formulados anteriormente em sua mente. Em comparação, citamos o médico, que possuindo conhecimentos de como preservar e recuperar a saúde, ao se ver deparado com um enfermo, vai buscar dentro de seus conhecimentos elementos para que a debilidade física deste seja remediada. Assim também o professor, detentor de muitos conhecimentos, consegue, ao consultar a memória, formular novas teorias, que, por sua vez, enriquecem ainda mais o conteúdo já presente nesta.

#### **4.2. As Palavras como Signos**

A título de exemplo da aplicação da pedagogia de Agostinho, menciono o diálogo com seu filho Adeodato, em que procura instruí-lo em sua vida literária, enfatizando o conhecimento e a importância da linguagem abordada em um discurso, e como deve ser a relação do mestre com seu discípulo. O intuito de Agostinho é elevar, através de um jogo de palavras, o conhecimento de seu filho para uma vida bem-aventurada. O mestre de Hipona instiga seu filho a aprofundar o estudo da relação entre mestre e discípulo: “Que achas que almejamos quando falamos? Responde Adeodato: – Pelo que me ocorre agora, pretendemos ensinar ou aprender” (AGOSTINHO, 2008b, p. 359).

Agostinho enfatiza a aquisição de conhecimento ressaltada no diálogo, onde os argumentos são apresentados e analisados. Todo discurso é direcionado pelo uso das palavras,

dispondo os interlocutores ao uso das mesmas. Ele mostra que na locução entre ambos, tanto o mestre quanto o discípulo já detêm certo conhecimento, e que as palavras servem de impulso para recordar aquilo que já está presente na sua memória à medida que vão sendo pronunciadas, fazendo-o lembrar no momento em que o intelecto do interlocutor interage consigo mesmo.

Agostinho, como professor, faz o uso da didática direta e persuasiva com o aluno. O uso das palavras por ele apresentadas fazem com que o aprendiz se disponha à assimilação do conteúdo. As palavras provocam no indivíduo uma inquietação para que o entendimento não seja superficial, mas o conduza ao aprofundamento. A comunicação feita através de sinais possibilita a compreensão aprofundada por parte do educando, através do entendimento dos possíveis significados contidos nestes sinais expressos nas palavras. “De ahí la necesidad de una hermenéutica, entendiendo ésta de un modo muy genérico, como la interpretación de los signos recibidos, sin la cual, evidentemente, la comunicación se quedaria frustrada” (NAVARRO, 2000, p. 69).<sup>8</sup>

O entendimento dos sinais interfere diretamente na aquisição do conteúdo pelo educando, quando, por exemplo, uma palavra não é pronunciada adequadamente pelo educador, gerando assim uma distorção no entendimento.<sup>9</sup> Outras formas de sinais como gestos e expressões podem clarear o que, muitas vezes, apenas por meio das palavras não é claramente elucidado; algumas expressões corporais podem contribuir para que o entendimento do signo seja possível.

O entendimento dos sinais proposto por Agostinho requer uma distinção de toda a dinâmica envolvida em seu uso. Tal conhecimento é fundamental para que os signos não fiquem apenas na superficialidade. A arte do entendimento apontada por Agostinho reflete na vontade de ensinar e aprender de acordo com a capacidade individual de cada um, como ele mesmo frisa ao seu filho Adeodato. “Acredito que notas que tudo o que com algum significado provém da voz articulada repercute no ouvido para que seja sentido, e é transmitido à memória para que possa ser conhecido” (AGOSTINHO, 2008b, p. 376).

Assim, o conhecimento já presente na memória do sujeito para ser compreendido na sua essência necessita do ato recordativo. O signo, quando entendido corretamente, segundo a visão agostiniana, insere no indivíduo a condição de entendimento, proporcionando ao aluno a

---

<sup>8</sup> “Daí a necessidade de uma hermenêutica, entendida de uma forma muito genérica, como a interpretação dos sinais recebidos, sem a qual, obviamente, a comunicação ficaria frustrado” (tradução minha).

<sup>9</sup> Os signos apresentados pelo professor podem indicar vários significados, por isso é preciso que o professor seja o mais claro possível nesse ato, para que o aluno consiga captar todas as informações contidas em um único signo.

capacidade de entender as inúmeras mensagens nele contidas. As palavras pronunciadas na arte de educar transmitem por si só uma vasta gama de significados, e cabe ao educador dar coerência na verbalização, para que o entendimento seja o mais claro possível. Segundo Agostinho, esse processo requer primeiramente um aprofundamento interior, uma interiorização para que, em seguida, encontre as referências nas verdades internas que são colocadas por Deus.

Os nomes utilizados nos signos e o seu real significado refletem a intenção do educador ao pronunciá-lo, demonstrando sua vontade de transmitir informações que sirvam de subsídio para que o educando formule seus próprios juízos. Ao emitir um sinal verbal, o professor não esclarece por completo todo significado existente em tal signo, pois os sinais sempre apontam para outros sinais.

Pelo que foi discutido, ficamos sabendo que ou sinais se mostram com sinais, ou com sinais se mostram outras coisas que não são sinais, ou também sem sinais mostram-se as coisas que podemos fazer depois de sermos interrogados. (...) Onde se torna evidente que, embora “palavra” (*verbun*) seja significada por um sinal (*signun*) e um sinal por uma palavra, isto é, estas duas sílabas (*signun*) sejam significadas por aquelas outras duas sílabas (*verbun*) e aquelas por estas, contudo o termo sinal tem extensão mais ampla que o termo “palavra”, isto é, com aquelas duas sílabas (*sig-nun* = sinal) são significadas mais coisas do que com estas duas outras sílabas (*ver-bun* = palavra). (AGOSTINHO, 2008b, p. 386)

A diversidade de sinais expressos em cada palavra impõe ao indivíduo uma reflexão. Cabe ao professor adquirir vivência acadêmica na arte de educar para que consiga em conjunto com o aluno tornar toda a informação em conhecimento. Agostinho, como professor de retórica, induz o aluno às condições necessárias para aquisição do conhecimento pleno, como na arte retórica, exigindo dos alunos reforçarem suas habilidades para a exposição de suas ideias.

Ao expressar com perfeição toda a coletividade de argumentos escondidos em um discurso, Agostinho procura aplicar toda coerência verbal necessária à arte da retórica, procurando atingir o público ao qual foi destinado tal discurso. Para alcançar tal objetivo, ele cuida que todos os significados contidos nas palavras sejam pontuados ordenadamente. A mensagem transmitida deve ser clara e sucinta, para que o conteúdo a ser explicado na exposição não estimule o ouvinte à interpretação dúbia.

O ato de ensinar, quando feito pela via das palavras, exige dedicação dos interlocutores para que o real e verdadeiro sentido possa ser compreendido na sua essência. O entendimento das palavras exige racionalidade, pois nem sempre o conhecimento das palavras e de seus significados se aplica ao que elas são na sua essência.

Por acaso concedi que o conhecimento das coisas seja mais excelente que o conhecimento dos sinais, e não que seja mais excelente que os próprios sinais? (...) Ora, se o nome “lama” é melhor que a própria coisa que ele significa, então assim também o conhecimento deste nome deve ser preferido ao conhecimento da coisa significada, embora o próprio nome seja inferior àquele conhecimento. (AGOSTINHO, 2008b, p. 396)

O bom uso dos sentidos para aquisição de conhecimento, como audição e percepção visual, facilita a capacidade de comunicação, seja ela falada ou corporal. Estes sentidos são facilitadores na compreensão dos inúmeros significados contidos em cada signo.

Deixo de mencionar o fato de que muitas coisas não ouvimos bem e discutimos por muito tempo e muitas vezes atinentes às coisas que foram como que ouvidas. Assim quando há pouco usei certo termo púnico para significar “misericórdia”, tu dizias que havias ouvido daqueles a que esta língua era mais conhecida, que a palavra significava “piedade”. Mas eu, não concordando, afirmava que havias totalmente esquecido, pois me parecia que não havia dito “piedade”, senão “fé”, quando estavas sentado tão perto de mim, de modo que de maneira alguma estas duas palavras podiam enganar o ouvido pela semelhança do som. (AGOSTINHO, 2008b, p. 413)

O ouvir, como o falar bem, exige dos interlocutores uma atenção a cada sílaba pronunciada, para que as palavras sejam interpretadas na forma mais coerente possível. Quando uma palavra é pronunciada, seja ela com uma única sílaba ou mais, deve ser dita com veemência e convicção, para que o significado da palavra dita alcance a amplitude de seu termo.

As palavras pronunciadas corretamente expressam o seu sentido verdadeiro, embora não somente através das palavras seja possível a transmissão de conhecimento, mas também através de gestos e sinais. A expressão corporal muito influencia na transmissão do conhecimento.

#### **4.3. O Ato de Educar segundo Agostinho e no Pensamento Cristão**

A experiência educacional de Agostinho enquanto professor, após sua conversão, não ocorreu de forma fácil; ele enfrentou inúmeros desafios. A expansão do Império Romano propiciou o encontro do pensamento cristão com a filosofia grega. Agostinho, como bispo de Hipona, liderou o processo de catequização, porém enfrentou o despreparo das pessoas envolvidas.

Devido à diversidade cultural e à falta de incentivo por parte do Império Romano, a Igreja assumiu um importante papel no processo de reeducar a sociedade sob a concepção

religiosa cristã. O cristianismo procura, através do pensamento comum, reunificar toda a sociedade grega. O grande propósito apresentado por Agostinho no processo de reeducação é implantar um pensamento religioso diferente daquele até então dominante na sociedade vigente: um pensamento monoteísta em oposição ao politeísta da tradição grega. O pensamento proposto por Agostinho implicava a aceitação de um Deus único, que exigia um ato de fé para seu assentimento. O fundamento dessa catequese é conduzir o homem ao encontro pessoal com Deus.

Um dos problemas enfrentados no processo catequético era como transmitir o pensamento cristão. Deogratias,<sup>10</sup> preocupado com o despreparo diante das dificuldades, pede a Agostinho que o instrua sobre os melhores métodos para a ação catequética.

Até onde levar a narração? Ao terminá-la, devemos dirigir uma exortação ao nosso ouvinte ou tão somente ensinar-lhe os preceitos cuja observância aprenderá a acreditar na vida e na revelação cristãs? Confessas e lamentas o que te sucede com frequência quando, em sermão longo e monótono, não apenas aquele que instruis pela palavra e os demais ouvintes, mas tu mesmo te sentes diminuído e cheio de desgosto de ti. (AGOSTINHO, 2008b, p. 413)

Agostinho orienta Deogratias, afirmando que é necessário informar-se mais de meios pedagógicos do que de meios espirituais, aplicando racionalmente uma nova doutrina. Os meios apresentados por ele, no processo formativo da doutrina cristã, têm por base a proposta de vivência espiritual em determinada crença, para que os resultados se fundem não de forma impositiva, mas como uma aceitação de bom grado.

Agostinho mostra que a arte de educar não se resume apenas em ensinar, exige do professor uma vontade a mais. Para transmitir vivência espiritual é necessário o conhecimento pleno, em que é preciso crer para conhecer. “Pois tudo que entendo, sei; mas não sei tudo o que creio. E não por isso ignoro quanto seja útil crer também em muitas coisas que não conheço” (AGOSTINHO, 2008b, p. 406).

#### **4.4. O Método de Ensino segundo Agostinho**

Para o mestre de Hipona, toda ação educativa provém de um querer individual, de modo que tudo aquilo que é externo sirva de apoio para que o conhecimento interno seja expresso de forma incisiva, apresentado de forma concreta no entendimento racional. Agostinho visa à educação em um sentido mais íntimo com a verdade, que está expressa no

---

<sup>10</sup> Deogratias era um diácono Cartaginês, responsável pela catequização no império.

coração de cada um. O objetivo é elevar as potencialidades do educando, retirando-o da inércia, fazendo que, no decorrer do processo educativo, ele apure suas capacidades de entendimento.

O mestre de Hipona utilizava a arte da retórica como um meio de transmitir a doutrina cristã, contudo esta utilização não limitaria a transmissão de conhecimento entre os interlocutores à simples troca de palavras, mas promoveria o aprofundamento dos assuntos abordados por meio do diálogo. Agostinho se fundamentava em princípios éticos correspondentes ao pensamento cristão que desejava transmitir, valorizando as potencialidades existentes nos aprendizes.

Agostinho utilizava de sua própria trajetória de vida como fonte de orientação à sua concepção de ensino, que consistia na busca de resposta à inquietação dos corações dos homens. Para tanto, Agostinho procura abarcar todos os elementos que envolviam o conhecimento a ser transmitido, desde o tempo histórico em que os principais acontecimentos doutrinários se desenrolaram, até o conhecimento individual de cada aluno, bem como a revisão de alguns comportamentos a fim de criar novas raízes na sociedade romana, coerentes com a doutrina cristã.

A educação defendida por Agostinho reflete uma ideologia que reformula o homem a uma nova conduta de vida, após a aceitação desta nova doutrina, obrigatoriamente são necessárias mudanças nos costumes da sociedade vigente. A nova doutrina contrapunha os modos de conduta de uma sociedade que enfatizava o comércio, a riqueza, soberba e autovanglória. Os valores indicados por Agostinho são opostos aos que regiam a sociedade da época.

Fazia-se necessário que a palavra pregada não fosse explanada em superficialidade, e que seria conveniente que os ouvintes pudessem colocar em prática toda informação adquirida. O ensinamento desta nova doutrina proposta por Agostinho a respeito de um único Deus exigiria da sociedade uma vida benéfica e o cumprimento de alguns requisitos apontados, que fossem seguidos com regularidade. O catequista, ao propor tal doutrina, deveria conduzir o aluno ao encontro com Deus. Para tanto, devia familiarizar-se com as motivações do aluno, procurando, dentro de toda esta dinâmica de ensino, descobrir quais são as suas reais inquietudes.

E assim, para que todo esse projeto educativo da sociedade resultasse em frutos positivos, era necessário entrar em contato com os anseios sociais da época, carente do conhecimento sobre uma ação divina criadora.

O apelo aos sinais dos tempos e à necessidade de considerar as situações históricas e as aspirações autenticamente humanas como primeiros sinais a que se deve prestar atenção para descobrir o desígnio de Deus sobre os homens faz parte da tarefa de restituir à catequese seu caráter cosmológico e antropológico e, ao mesmo tempo, cristológico e teocêntrico, que já aparece nas antigas confissões de fé da Igreja. (AGOSTINHO, 1973, p. 14)

Agostinho depara-se com uma sociedade que vive na ausência de um Ser único que tivesse o poder de regência sobre a diversidade. Assim, processo catequético exigiria, na sua aplicação, o reconhecimento do vínculo ontológico do homem para com Deus, e de uma teologia que fundamentasse a relação do homem para com este Ser supremo, já expresso nos ensinamentos anteriores.

Para que esse processo catequético e dialógico acontecesse, seria necessário, então, desconstruir todo o pensamento antigo e reformulá-lo segundo a visão cristã, partindo de um profundo conhecimento da realidade desse aluno. “Feito para dirigir o homem na descoberta da vida de fé, adapta-se à infinita complexidade do coração e do espírito dos ouvintes. O catequista deve conhecer a vida profunda dos ouvintes, suas aspirações, anseios e implicações de sua vida sociocultural” (AGOSTINHO, 1973, p. 18).

O catequista tem a incumbência de adaptar o modo de viver dos educandos, procurando distinguir quais são suas inquietudes sociais, seus anseios, para que, ao propor determinada crença, ele consiga adaptá-la à realidade vigente. É necessário que o uso das palavras seja o mais claro possível, para que o entendimento dos ouvintes também o seja. O diálogo entre ambos não pode acontecer em palavras prolixas, que, no decorrer do ato, venham a ser enfadonhas, tanto para quem transmite quanto para quem ouve. O catequista deve demonstrar pleno conhecimento do conteúdo apresentado, devendo mostrar segurança na explanação feita sobre os assuntos.

A atividade de educar não consiste apenas em transmitir uma espécie de conhecimento, cabendo ao educador vivenciar plenamente esses conteúdos, para que seu testemunho não seja contradito por suas próprias palavras. Essas condutas, quando seguidas, fazem com que o catequista interaja com o público. Segundo a orientação catequética de Agostinho, primeiramente é necessário mostrar o conhecimento básico do conteúdo, não ficando preso à leitura e sim ao uso da boa retórica para atrair a atenção dos alunos; ao mesmo tempo em que se deve utilizar um vocabulário de fácil entendimento, para que ao repetir as explicações, o aluno encontre clareza no conteúdo, não desgastando a relação entre ambos. Posteriormente, é preciso verificar conforto dos expectadores, fundamental para que o cansaço físico não venha a interferir em todo processo de explanação. Finalmente, a

dedicação por parte do educador deve ser completa, e suas atitudes, coerentes com a doutrina apresentada; sua vida deve estar de acordo com os ensinamentos propostos.

A forma de mensagem deve estar de acordo com o público presente, e os termos usados devem ser coerentes. Há momentos em que haverá “também muitos ou poucos presentes, cultos e incultos, ou uns e outros; serem da cidade ou do campo – ou uns e outros ao mesmo tempo, ou haver uma mistura total do povo” (AGOSTINHO, 1973, p 67), devendo o catequista estar preparado para que toda essa diversidade não interfira na sua dinâmica de orientador. O catequista deve estar pronto para quaisquer questionamentos, que podem ser proferidos tanto por pessoas cultas como por ignorantes, que gozam de pouca inteligência. Ele deve mostrar-se misericordioso para com todos, dando a atenção devida de acordo com as capacidades intelectuais de cada um.

#### **4.5. As Dificuldades de Ensino Enfrentadas por Agostinho**

Agostinho percebe que as dificuldades encontradas no processo de cognição não se resumem à falta de conhecimento parcial ou total do conteúdo que está sendo proposto. A dinâmica por ele recomendada indica que as palavras são os sinais evidentes no processo de cognição, mesmo quando há aquelas situações em que o aprendiz não é *rude*<sup>11</sup> por completo, e que é detentor de alguma espécie de conhecimento.

Quando o que se pretende ensinar é o próprio sinal, a dinâmica de ensino torna-se mais clara e direta, por exemplo, o gesto de caminhar, apontar com as mãos e etc. O próprio sinal já é o que se deseja ensinar, não precisando usar de outros meios para que o que se deseja transmitir seja conhecido. A proposta apresentada na catequese dos rudes implica que estes já são possuidores de algum conhecimento, ainda que, para muitos deles, o pensamento cristão fosse uma novidade, cabendo ao educador usar de diferentes recursos para a aceitação dessa proposta.

Portanto, com as palavras não aprendemos senão palavras, ou melhor, o som e o ruído das palavras: pois se as coisas que não são sinais não podem ser palavras, ainda que eu tenha ouvido uma palavra, contudo não sei o que seja palavra, enquanto não saiba o que significa. Portanto, conhecendo-se as coisas, completa-se também o conhecimento das palavras; ao passo que, em se ouvindo as palavras, não se aprendem as palavras. (AGOSTINHO, 2008b, p. 405)

---

<sup>11</sup> Conforme o Aulete, primitivo, tosco (povo rude). O termo “rude”, empregado por Agostinho ao tratar da catequese, refere-se àquelas pessoas que não tinham nenhum conhecimento do pensamento cristão, às quais era necessário um processo mais compassado de catequese.

O mestre de Hipona mostra que muitas coisas são passíveis de conhecimento, como a própria natureza, que pode ser entendida e conhecida por meio dos sentidos, sem que haja a necessidade de qualquer espécie de sinal que as ligue diretamente ao ato cognitivo. Não obstante, quando se ensina por meio dos sinais, as palavras são a fonte primeira, dessa forma o som emitido pelo educador é o primeiro sinal a chegar até os sentidos, fazendo com que o receptor, por mais que não tenha um conhecimento prévio de determinado som, instigue-se a procurar o que significa em registros semelhantes.

#### **4.6. Composição e Objetivos da Ação Pedagógica de Agostinho**

A prática da educação agostiniana tem por base princípios morais e éticos comprometidos na valorização do sujeito. Agostinho usa da arte da retórica no ensinamento dessa nova doutrina que enfatiza o respeito pelas diversidades.

La renuncia drástica de Augustin a la cátedra imperial pareciera darnos a entender que pretendió “jubilarse” definitivamente de la misión educativa. Em realidad, no hace que dar un nuevo rumbo a la misma alistando-se en la línea de los grandes “maestros”, que originalmente lo fueram, no de la ciencias humanas, sino de la vida comenzando por el Gran Maestro de la vida, Cristo Jesus.<sup>12</sup>

Agostinho desenvolve um novo estilo de educação, valorizando e analisando a realidade do homem que é dotado de sentimentos, experiências e capacidade de formulação de juízos. A proposta de ensino de Agostinho contempla tanto aquilo que é exterior ao homem, quanto o que é parte de um processo de interiorização.

Essas duas esferas estão ligadas diretamente e possibilitam ao homem a capacidade de entendimento e de elevar o seu grau intelectual. Todo o processo educativo tem por finalidade “humanizar o homem”, sejam aqueles ensinamentos práticos, como as Ciências da Natureza, Geografia, História etc., sejam aqueles que propiciam um entendimento de si mesmo, implicando uma evolução individual de valores éticos e morais que têm como fio condutor o pensamento Cristão.

O processo educacional agostiniano é envolvido por uma mística que compreende elementos que possam promover a elevação de valores que constituem a dignidade da

---

<sup>12</sup> “A renúncia dramática de Agostinho à cátedra imperial parecia dar-nos a entender que ele pretendeu ‘aposentar-se’ definitivamente da missão de educar. Mas, realmente, não faz mais que dar uma nova direção à mesma, alistando-se à linhagem dos grandes ‘mestres’ que originalmente o foram não das ciências humanas, mas da vida, a começar pelo Grão-Mestre da vida, Cristo Jesus” (BERDÓN, 2006, p. 36; tradução minha).

vocação de cada um. Assim, como toda a dinâmica de ensino agostiniana está alicerçada na antropologia cristã, ela compreende o homem como portador de valores que são eternos e constituintes da verdade eterna existente no homem. Esta construção de valores é interdependente da ação externa, atribuída ao papel do professor. O professor que ensina através dos signos também é capaz de promover um processo de interiorização, conduzindo o olhar do aluno para si mesmo, a fim de encontrar interiormente a atuação de um ser superior que é compreendido como Deus.

O objetivo no ensino agostiniano é introduzir elementos para que o aluno consiga, juntamente com a razão superior, imergir em um mundo de conhecimento e aprimoramento da vida, no que se refere à essência de cada um. Os primeiros conhecimentos chegam pela via da razão inferior, que, através dos primeiros signos apreendidos nos primeiros atos de ensino, apontam para os caminhos das ciências humanas e exatas; subsequentemente, a razão superior age no homem propiciando um entrelaçamento de todas as experiências externas e internas.

Dado que las verdades racionales son un reflejo o encarnación de las trascendentales y eternas, no debería nunca producirse una escisión entre ciencia y sabiduría, sino, por el contrario, debería darse siempre entre ambos conocimientos una perfecta armonía. Por dos razones: porque la ciencia tiene por fin y meta la sabiduría, y porque sólo de la unión de conocimientos es posible lograr la unión de conocimiento a la que el ser humano aspira y está destinado.<sup>13</sup>

A sabedoria almejada pelo homem concretiza-se na união entre ambas, ciências humanas e transcendentais, edificando todo o processo aquisitivo de conhecimento, segundo o método de ensino proposto por Agostinho.

A valorização do homem, exposta por Agostinho, se apresenta à luz das verdades que são inerentes a cada um, potencializando as qualidades individuais. “Aquí la labor del educador por encima de instruir o informar, es la de invitar, suscitar, provocar, despertar, guiar y ayudar el alumno en el alumbramiento de esas verdades, que no son otra cosa que los inteligibles seminales” (BERDON, 2006, p. 57).<sup>14</sup>

O professor é a ponte que fornece os elementos externos para que o aluno consiga obter esses sinais inteligíveis e, através de cada signo, construir e aprimorar conteúdos que intensificam a unidade e o entrosamento dessas duas razões.

---

<sup>13</sup> “Dado que as verdades racionais são um reflexo ou encarnação das transcendentais e eternas, nunca deveria ocorrer a cisão entre ciência e sabedoria, mas, pelo contrário, deveria dar-se sempre entre ambos os conhecimentos uma perfeita harmonia. Por duas razões: porque a ciência tem a sabedoria por fim e meta, e porque só a partir da união de conhecimentos é possível conseguir a união de conhecimento a que o ser humano aspira e está destinado” (BERDÓN, 2006, p. 53; tradução minha).

<sup>14</sup> “Aqui o trabalho do professor, para além de instruir ou informar, é convidar, estimular, provocar, suscitar, orientar e auxiliar o aluno na elucidação dessas verdades, que não são mais nada que inteligíveis seminais” (tradução minha).

Grande mestre na arte de educar, Agostinho direciona seus questionamentos para a busca da verdade; verdade essa que, durante muito tempo, desejou e que, segundo ele, a encontrou apenas na religião católica, de forma clara e sucinta, sem nenhum embaraço, exigindo apenas um ato de fé, que brota no mais íntimo de cada um, evidenciando uma experiência profunda de Deus. Ele indica que o uso das coisas temporais deve contribuir para obter a sabedoria necessária e compreender a verdade oculta aos sentidos vitais, compreensível nos atos de entendimento psicológico.

Dado que la educación moderna no sólo es formación humana, sino también científica y cultural, el objeto de la educación agustiniana abarca ambas modalidades: la de ayudar al alumno a "sacar" a la luz del día sus potencialidades humanas y ayudarlo a saber "encontrar" las leyes de la naturaleza y el sentido oculto de las cosas.<sup>15</sup>

É incumbência do professor, no processo de ensino agostiniano, adaptar o seu estilo de ensino à realidade do aluno, não focando suas energias apenas na condição humana, mas trazendo, juntamente com ele, o conhecimento das coisas à luz da consciência; como elas são na sua essência e procedência, fornecendo-lhe ademais um entendimento cultural e científico. Assim, o professor é visto como um elemento de extrema importância no processo maiêutico<sup>16</sup> de ensino. O professor, no decorrer de sua função, caminha junto com o aluno, na busca pelas verdades que até ele mesmo como professor desconhece.

#### **4.7. Dialética: Matéria das Matérias**

O sistema proposto por Agostinho implica na ação conjunta dos interlocutores para que o processo aconteça com êxito e sem distorções. As formas de entendimento de assuntos elaborados em uma ação dialética correspondem a uma organização gramatical para que as mentes interajam entre a formulação de teorias e a aprendizagem.

Dado à ideia de que através da ação dialógica é possível assimilar e apreender conteúdos, pergunta-se: será possível que duas crianças, na mais tenra idade, mesmo sem compreenderem os reais e verdadeiros sinais expressos em cada movimento, podem obter de forma concreta o conhecimento? Vê-se que sim, que isso é possível, mesmo em crianças no

<sup>15</sup> “Como a educação moderna não é apenas formação humana, mas também científica e cultural, o objeto da educação agostiniana abrange ambas as modalidades: a de ajudar o aluno a "trazer" à luz do dia suas potencialidades humanas e ajudá-lo a "encontrar" as leis da natureza e o significado oculto das coisas” (BERDÓN, 2006, p. 57; tradução minha).

<sup>16</sup> Como é conhecido o método socrático que consiste na multiplicação de perguntas, induzindo o interlocutor na descoberta de suas próprias verdades e na conceituação geral de um objeto.

início da vida e ainda balbuciando as primeiras palavras, pois, mesmo sem conhecerem seus verdadeiros significados, de certa forma são fonte de conhecimento para outra criança. Para exemplificar: é muito comum presenciarmos nos diálogos entre as crianças o sentido de pertencimento ou de propriedade, quando, apontando algo com a mão, ensaiam aquelas primeiras palavras curtas e cheias de significado, como: meu, minha, não, teu. Tais palavras carregam inúmeros significados e, quando não são compreendidas, são completadas por gestos mímicos para expressar sua vontade, e fornecer uma certeza daquilo que se pretende transmitir.

O mesmo se compreende numa ação entre pessoas incultas, na prática de uma ação dialógica, quando conseguem conjuntamente formular alguma espécie de conhecimento e entendimento. Todos são possuidores de alguns conhecimentos que foram moldados dentro de sua história de vida, compreendidos individualmente e independentemente do seu grau de entendimento. Essas experiências, quando partilhadas, servem de estímulo entre os interlocutores, e muitas vezes correspondem àqueles ensinamentos que têm a sua origem na educação primária ocorrida no âmbito familiar.

Una condición necesaria que han de ter las construcciones humanas es la capacidad para definir, etiquetar, y poner en orden ciertas técnicas e instrumentos racionales (*quaedam machinamenta et instrumenta*) y para crear así la disciplina de las disciplinas (*disciplina disciplinarum*), que denominamos dialéctica. Agustín concede a la dialéctica una doble función pedagógica: una función para el que enseña (*docet docere*) y otra para el que aprende (*docet dicere*).<sup>17</sup>

A proposta de ensino por meio da dialética implica que o conteúdo desenvolvido deve ser compreendido na simplicidade das palavras, escolhidas na arte da retórica, ou seja, entender o jogo de palavras para que a ideia pensada seja transmitida com maior clareza.

A dialética pode ser compreendida como a matéria das matérias porque abrange todas as demais disciplinas, entrelaçadas diretamente com o uso da razão. A começar pela gramática, que possui suas estruturas na construção de vocábulos para expressar suas vontades, “uma vez que os homens não podiam penetrar mutuamente suas almas e usarem do sentido como intermediário para associar-se entre si” (AGOSTINHO, 2008a, p. 235), pois as palavras são os meios mais seguros e rápidos no entendimento de suas vontades.

---

<sup>17</sup> “Uma condição necessária que devem ter as construções humanas é a capacidade para definir, etiquetar e pôr em ordem certas técnicas e instrumentos racionais (*quaedam machinamenta et instrumenta*) e para criar assim a disciplina das disciplinas (*disciplina disciplinarum*), que denominamos dialéctica. Agostinho concede uma função pedagógica dupla à dialéctica: uma função para quem ensina (*docet docere*) e outra para quem aprende (*docet dicere*)” (FITZGERALD, 2001, p. 395; tradução minha).

Em um segundo plano podemos verificar a geometria, os números para codificar conteúdos, pois devido à diversidade de teorias existentes em uma relação, a razão organiza suas prioridades. “Descoberta estas duas coisas, surgiu a profissão de copista de livros e de mestre-escola” (AGOSTINHO, 2008a, p. 235), e assim forneceram as primeiras noções através dos textos que foram copiados, compreendendo os primeiros passos gramaticais, contribuindo para a formulação de um vocabulário correto e eficaz. Tornando-se possível, através desses meios de ensino, o equacionamento e a solução racional de questionamentos nos seus mais diversos aspectos.

A relação dialética propicia a “metodologia para ensinar e aprender; por ela a própria razão se mostra e se revela, o que é, o que deseja, o que pode” (AGOSTINHO, 2008a, p. 237).

Isso mostra a capacidade da dialética, instruída pela razão, de propiciar elementos para que o conhecimento seja apreendido de forma clara e distinta. A dialética, quando empregada pelo reitor, que, no bom uso da razão, faz com que o conteúdo apresentado seja apreciado pelos ouvintes, em razão da eloquência existente no jogo de palavras, podendo extrair de tal discurso aquilo que lhes é favorável.

O processo de ensino indagado por Agostinho aponta para um movimento de ascendência, partindo de uma condição de ignorância e, então, elevando-se gradualmente à condição de compreensão intelectual. Todo conhecimento existente, segundo o pensamento agostiniano, busca uma ascendência, não se limitando à esfera de signos exteriores, mas, num processo íntimo de interiorização, encontra-se com aquele que não precisa de signo algum para se deixar conhecer.

#### **4.8. Caminho à Verdade: Ensinaamentos Deixados por Cristo**

Apesar de todo significado contido na harmonia das palavras, que por si só não conseguem expressar a Verdade, elas podem ao menos indicar aquela que seria a Verdade das verdades. Tal Verdade só é encontrada na medida em que o sujeito consegue penetrar no mais íntimo de si, onde estão contidos os conhecimentos que podemos referir como verdades eternas. O processo de interiorização busca o distanciar-se das verdades humanas corruptíveis, para uma aproximação daquele que é a Verdade por completo e totalmente incorruptível.

Por ora, adverti a ti que não atribuíssemos às palavras a importância maior que a necessária, para que somente creiamos, mas também comecemos a compreender quão verdadeiramente este escrito, sob a autoridade divina, que a ninguém chamamos de mestre na terra, porque o único mestre está nos céus. Mas o que haja nos céus no-lo ensinará aquele que interiormente nos admoesta com sinais por

intermédio dos homens, para que voltando para ele no interior, sejamos instruídos. Amá-lo e conhecê-lo é a vida feliz, que todos dizem que a procuram, mas poucos se alegram de havê-la realmente encontrado. (AGOSTINHO, 2008b, p. 414)

Todo conhecimento existente na alma é devido ao vínculo direto do homem com Deus. Porém, para que este encontro seja possível, deve-se chegar à fonte primeira: é necessário conhecer a Cristo, intermediário nessa ação. Cristo é aquele que não se deixava corromper, pois a sua essência era a mesma daquele em nome de quem ele falava: Deus. A pessoa de Jesus destacava-se pela forma com que passava seus ensinamentos, baseados em uma vida beatífica. Esses ensinamentos tinham sempre uma meta a ser alcançada: a vida feliz.

A vida feliz proposta por Agostinho implica a valorização de ensinamentos provenientes do interior, mas dependem exclusivamente de uma vontade particular, e que não passam por nenhuma espécie de corrupção, ou seja, não são afetados por nenhum signo externo. As vivências dos ensinamentos, com base em signos do mundo externo, conduzem o homem a um círculo vicioso que não aponta para uma solução última, podendo sempre gerar novos questionamentos.

Realmente, de tudo que falaste, aprendi que as palavras não fazem senão estimular o homem a aprender e que, seja qual for o pensamento de quem fala, é muito pouco o que transparece através das palavras. Mas se dizem coisas verdadeiras, isto só pode ensinar aquele que, quando falava exteriormente, exortou-nos que ele habita em nosso interior, a quem, com ajuda dele mesmo, amarei tanto mais ardentemente quanto mais progredir no estudo. (AGOSTINHO, 2008b, p. 415)

O ato educacional deve consistir em tensão contínua, estruturada no amor e direcionada àquela Verdade última, que só é encontrada no coração de cada um. A união íntima com Aquele que era comparável ao homem, menos na corrupção. Cristo ensina o caminho para a perfeição do espírito, que, por sua vez, propicia a intimidade com os ensinamentos por Ele deixados. Esses ensinamentos tinham como fundamentos o amor, o respeito e a valorização da pessoa humana, elementos que compõem a dinâmica de ensino proposta por Agostinho.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Esses ensinamentos podem ser compreendidos como aqueles posteriores à sua conversão. Agostinho, mesmo sendo cristão, ainda não vivenciara tais princípios, mas, após sua conversão, encontrou nestes os fundamentos de toda a sua pedagogia.

## 5. CONCLUSÃO

Na sua paixão pela sabedoria, Agostinho torna-se professor e aluno de si mesmo, compreendendo que a dinâmica de busca pelo conhecimento deve apontar unicamente para Deus. O educar a si mesmo implica no entendimento da natureza humana e no assentimento da sua dependência desse Ser ao qual todo pensamento racional deve dirigir-se como fonte primeira.

Os conhecimentos externos passados à luz da razão são sempre facilmente assentidos. Porém, aqueles que no decorrer dos tempos não passaram pelas provas práticas da razão e não foram verificados, conduzem o homem a recorrer ao seu interior para poder entendê-los e apreendê-los.

O fio condutor dessa busca pela verdade, segundo Agostinho, está vinculado diretamente na dependência do homem para com Deus, ou seja, na sua aceitação da fé, que, primeiramente, pode dar-se apenas de forma dogmática. Por conseguinte, para que o entendimento seja completo, é preciso que haja uma experiência particular, que ocorre através do ato de interiorização, tal qual o próprio encontro de Agostinho com a Verdade.

A própria Verdade contida no homem provoca neste a inquietação que o leva a procurá-la. É preciso que haja uma busca contínua, seja nas coisas exteriores ou no mais íntimo de cada um. A verdade encontrada interiormente se aplica à relação direta do corpo físico com a alma que inteligivelmente atua no corpo ordenando as sensações.

O processo de interiorização condiciona o homem a um conhecimento paulatino das verdades universais. Essa relação se aplica exclusivamente a uma aproximação da exterioridade do mundo com as essências contidas no interior de cada um.

O resultado dessas experiências se dá à medida que o homem consegue realizar uma leitura dos signos existentes na exterioridade e captar os significados existentes em cada um. O entendimento desses signos requer, além da compreensão primeira de seu significado, também o entendimento da sua diversidade, que se oculta aos sentidos, exigindo um ato de intelecção para que sejam compreendidos. A relação mestre-aluno é desencadeadora do processo cognitivo.

O mestre tem a incumbência de fornecer os elementos para que os esclarecimentos dos signos sejam os mais próximos de sua realidade última. Porém, o aluno deve estar dócil às informações apresentadas, para que o entendimento do mesmo não se desfigure na sua diversidade. O ensinamento deve consistir em um movimento ascensional, no qual um signo

aponta para outro signo, não se limitando, porém, esse processo semiótico a um círculo fechado de signos, mas apresentando uma evolução que tenha como fim último a Verdade.

A finalidade deste diálogo entre Deus e a pessoa humana, não é tanto a transmissão de informações, mas principalmente a transformação da pessoa trinitária ( ) Ele acredita que o "ato de fé" é um acontecimento que amplia os limites da razão "individual" e introduz o intelecto individual, isolado e fragmentado, no domínio daquEle que é o *logos*, a razão e o fundamento razoável de todos os seres e de todas as coisas e de toda a humanidade. (ROWLAND, 2013, p. 82)

Na relação mestre-aluno, o conhecimento verdadeiro dá-se na compreensão mútua de um signo, que é seguido de uma história, e por consequência aponta para novas descobertas. O mestre deve ser possuidor de um conhecimento em ato, entretanto ele deve elevar o aluno a possuir o mesmo conhecimento, condicionando este movimento aquisitivo de conhecimento ao encontro de uma Verdade única e imutável.

O magistério de Agostinho pode ser compreendido em dois momentos de sua vida: aquele ao qual servia estritamente ao Império Romano, e, por causa de tal servidão, não valorizava os princípios humanos e éticos. E o segundo momento, que se deu após a sua conversão. Nesta fase de sua vida, Agostinho tem a preocupação de ensinar uma nova doutrina religiosa, porém tal ensinamento se aplica a uma conduta de vida regrada em princípios morais e éticos, intrínsecos ao pensamento cristão.

O mestre que ensina através da exterioridade baseia-se na experiência particular, acumulando inúmeras vivências que servem de conteúdo para fundamentar seus argumentos. Agostinho ensina que as experiências relacionadas às verdades eternas propiciam ao homem uma aquisição verdadeira de conhecimento, pois esta relação se funda na medida em que os momentos vividos sejam direcionados para a Verdade última.

O educar, segundo Agostinho, não se resume em transmitir conhecimentos, mas em uma vivência dos fatos ensinados, a exemplo de valores éticos e morais, ou aqueles em que o ensinamento afetivo deixa transparecer uma conduta de vida, como um gesto de amor pelo próximo.

O processo de ensino catequético agostiniano não se resume em apontar para o conhecimento de si mesmo, o ato deve estar contido nas relações interpessoais, sempre em busca de uma Verdade comum a todos. O processo deve consistir em uma vivência contínua da Verdade, que se resume no ato de realizar as coisas fundamentadas no amor e voltadas para o amor. Constituindo-se em um conhecimento de si mesmo voltado para a Verdade, que é o princípio de todo signo existente; seja ele sensível ou inteligível.

A vida de Agostinho e suas experiências o conduziram ao profundo conhecimento do homem e de Deus. Possuidor deste conhecimento, ele marcou a história enquanto filósofo, cristão, orador e professor. Fundamentou conhecimentos acerca do homem, da alma, do conhecimento e, principalmente, da busca do homem por seu encontro com Deus. A sua busca inspirou-o a desenvolver um método educacional que conduzisse seus educandos a trilharem o caminho com seus próprios passos através da sinalização por meio das palavras: os signos. Conciliou em seu método o dogma e a experiência, a fim de conduzir o aluno a um processo de busca e encontro, similar ao seu. Esse método embasou a catequese nos primórdios. Sua concepção educativa é atual e necessária para os novos tempos, seja no âmbito religioso como nas escolas. Pois contempla primeiramente a realidade de cada aluno, confere liberdade à busca do conhecimento, privilegia o diálogo, e considera a relação mestre-aluno não apenas como transmissora ou depositária de conhecimento, mas, bem ao contrário, enfatiza o caminhar de cada aluno. Por fim, o mais importante, fundamenta-se nas virtudes, na ética e no amor.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos*. Trad. Maria da Gloria Novak. Petrópolis: Vozes, 1973.
- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Pensadores)
- AGOSTINHO. *Solilóquios*. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO. *A ordem*. São Paulo: Paulus, 2008a.
- AGOSTINHO. *O mestre*. São Paulo: Paulus, 2008b.
- BERDON, Eusébio B., OSA. *Elementos básicos de pedagogia agustiniana*. Roma: Curia Generalizia Agustiniana, 2006.
- BLÁZQUEZ, Niceto. *Introducción a la filosofía de S. Agustín*. Madrid: Instituto Pontificio de Filosofía de Madrid, 1984.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. *História de filosofia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- DOMINGUES SANABRIA, Jesús. *El Agustino educador*. Madrid: Revista Agustiniana, 1991.
- FITZGERALD, Alam D., OSA. *Diccionario de San Agustín*. San Agustín atreves del tiempo. Monte Carmelo, 2001.
- GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus; Discurso Editorial, 2010.
- LUCAS, Miguel. *A arte de ensinar: ensine como Santo Agostinho*. 4 ed. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- NAVARRO GIRÓN, María A. *Filosofía del lenguaje en San Agustín*. Madrid: Revista Agustiniana, 2000.
- Pensamiento Agustiniano*. IV Jornadas Internacionales de Augutinologia. Caracas: UCAT; Revistas Agustinianas, 1987.
- PESSANHA, José Américo Mota. *Agostinho: vida e obra*. In: AGOSTINHO, 1984.
- PONCE, Anibal. *Educação e Luta de Classes*. Trad. Severo de Camargo Pereira. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ROSA, Maria da Glória. *A história da educação através dos textos*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

ROWLAND, Tracey. *A fé de Ratzinger*. Trad. Carlos P. Alonso. São Paulo: Ecclesiai, 2013.

TOMÁS DE AQUINO. *Sobre o ensino (De magistro); Os sete pecados capitais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.